

Disputas políticas e poéticas em *Oração para desaparecer: Como repensar o Brasil e a brasilidade no romance de Socorro Acioli*

Political and poetics disputes in Oração para desaparecer: How to rethink Brazil and Brazilianness in Socorro Acioli's novel

Eduardo Bonine

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Eduardo Bonine

Doutor e Mestre em Ciência da Religião pela PUC-SP. Integrante do grupo Veredas: Imaginário Religioso Brasileiro. Email: dubonine@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8239-6085>

Submetido em: 20/05/2025

Aceito em: 30/08/2025

Publicado: 10/12/2025

e-Location: 19196

Doi: 10.28998/2317-

9945.202586.398-419



ISSN: 2317-9945 (On-line)

ISSN: 0103-6858 (Impressa)

Resumo

Reconhecemos na literatura e na estrutura narrativa ficcional um potente retrato de nossa sociedade e de nossos processos tanto políticos quanto poéticos. Neste texto, apresentamos o romance de Socorro Acioli, *Oração para desaparecer* (2023), como um retrato da construção de sujeito por meio de um corpo e de uma memória (Glissant, 2021). Entendemos que sua obra é fundamental para que a ciência da religião perceba o quanto a literatura contemporânea reflete a nossa pertença religiosa. Por meio das categorias de escatologia (Campos Silva, 2022), e de corpo (Souza, 2022), convidamos as pessoas a lerem Acioli como uma forma de repensarmos o Brasil. Concluimos nosso texto apresentando algumas perguntas interessantes à pesquisa de religião em nosso país reforçando sua produção política e poética em nosso cotidiano.

Palavras-chave: Literatura e Religião; Socorro Acioli; Brasilidade; Escatologia

Abstract

We recognize in literature and fictional narrative structure a powerful portrait of our society and our political and poetic processes. We present Socorro Acioli's novel, Oração para desaparecer (2023), as a portrait of the construction of a subject through a body and a memory (Glissant, 2021). We understand that his work is fundamental for the religious studies to understand how much contemporary literature reflects our religiosity. Through the categories of eschatology (Campos Silva, 2022) and body (Souza, 2022), we invite people to read Acioli as a way of rethinking Brazil. We

conclude our text by presenting some interesting questions regarding religious studies in our country, reinforcing its political and poetic production in our daily lives.

Keywords: *Religion and Literature; Socorro Acioli; Brazilianness; Eschatology*

INTRODUÇÃO

Socorro Acioli¹ é uma autora cearense que nos permite perceber, em sua literatura, o encantamento da brasilidade apesar da violência do Brasil-nação. Em outras discussões, propusemos que a contribuição literária da autora nos permite sistematizar os rituais da brasilidade compartilhados por suas personagens como alteridades múltiplas, plurais e diversas em nosso exercício de pesquisa no campo da ciência da religião (Bonine, 2024).

Neste texto, nosso contato se dá com o romance *Oração para desaparecer*, publicado em 2023, no qual acompanhamos a história de uma mulher que é desenterrada de uma duna, completamente nua, sem memória, precisando (re)incorporar seus processos de sujeitificação e de alteridade. Por meio de um corpo, Acioli constrói uma história de (re)encantamento operada pela brasilidade apesar do Brasil-nação.

Esse corpo emerge da encruzilhada de negociações cotidianas que o caráter plural da brasilidade reivindica diante do cárcere normativo e da violência arbitrária do Brasil-nação, um projeto de institucionalização de poder e cultura no arcabouço ético e estético do país. Resultado de um processo colonial perpetuado por estratégias de controle, de assujeitamento e de exclusão, essa estrutura produz e propaga o racismo, a heteronormatividade, a misoginia e o mandonismo, destituindo e inviabilizando corpos diversos, que (re)existem em confluência e divergência nos processos coloniais.²

¹ Jornalista e escritora. Título de mestre e de doutora em literatura. Autora de *A cabeça do santo*, publicado em 2014 e *Oração para desaparecer*, publicado em 2023, ambos pela Companhia das Letras. Seu primeiro romance é resultado de uma oficina de roteiros que fez com o escritor colombiano Gabriel García Márquez em Cuba.

² Na contemporaneidade, é sob a lógica neoliberal que o Brasil-nação estrutura sua opressão, na produção de sujeitos territorialistas em detrimento das territorialidades de transgressão. A prática é centrada em medo, insegurança e esgotamento, condenando as diferenças a estigmas de desigualdade e promovendo o desencantamento da vida. Diante de seu desencantamento cultural e social, a brasilidade opera no devir macumbeiro, conceito elaborado e defendido na tese de doutorado em Ciência da Religião da PUC/SP. (Ver: BONINE, Eduardo. **Devir macumbeiro**. A epistemologia de

O que nos chama a atenção é o percurso da personagem conectando os eixos encantados constitutivos de nossa sociabilidade, passeando pelo nordeste de nosso país, por Almofala em Portugal e por Moçambique, país em África. Além desse corpo, o idioma compartilhado pelos três lugares aproxima e afasta as personagens em um processo que podemos pensar como ecos da colonização. Nosso intuito é o de recuperar, por meio da literatura, as ontologias múltiplas e diversas que nos constituem enquanto sociedade e permitem, ao nosso fazer científico, nos aproximarmos desses cotidianos tão plurais e diversos que articulamos para as nossas existências.

A exemplo de seu romance anterior, *Oração para desaparecer* (2023) também é um romance de epígrafe (Bonine, 2024),³ por já anunciar nas citações escolhidas para o início do livro o porvir de sua história, a justificativa de suas escolhas e alguns processos de elaboração ontológica dos conflitos das personagens, formas de ser e de estar negociadas no decorrer das páginas. Assumindo a perspectiva de João Guimarães Rosa, a autora escolhe, em sua primeira epígrafe, nos recomendar a acreditar no encantamento, “deixa o mundo dar seus giros! Estou de costas guardadas, a poder de minhas rezas”.⁴ Quando assumimos o lugar encruzilhado da religiosidade do Brasil, principalmente em nosso campo disciplinar da ciência da religião, o fazemos acreditando na complexidade e na sofisticação de nossas crenças ritualizadas e de nossos rituais acreditados.

Nossa postura, enquanto cientistas que defendem uma ciência autônoma cujo objeto é a religião, é a de recuperarmos nesse campo ontológico os processos políticos e sociais que articulam e elaboram ontologias, epistemologias e metodologias de sociabilidade, sem esbarrarmos em dicotomias ou estigmas conceituais

terreiro como produtora de conhecimento, de existência e de alteridade no Brasil. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024).

³ Analisamos *A cabeça do santo*, romance de Socorro Acioli publicado em 2014, por meio das chaves conceituais de devir macumbeiro e alteridade religiosa, em que propusemos percepções plurais de encantamentos e de existências múltiplas na literatura de Acioli. As disputas dos sujeitos sociais do cotidiano brasileiro estão presentes no romance da autora. (Ver: BONINE, Eduardo; BRITO, Ênio J. da C. O rito da brasilidade e a fé do Brasil-nação: disputas de sujeitos sociais em *A cabeça do santo*. **Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, Brasil, v. 22, n. 1, p. 239–254, 2024. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/13886>. Acesso em: 17 set. 2024).

⁴ Frase do romance *Grande Sertão Veredas* de João Guimarães Rosa.

encarceradores, por isso, nos interessa essa disposição dialógica entre a crença e o ritual, principalmente a anunciada por Rosa, de permitir o mundo acontecer, porque o sujeito está se elaborando a partir dos recursos que tem a seu alcance, o esperar.

A autora também escolhe o chamamento do poeta Carlos Drummond de Andrade, publicado em crônica, na edição de 17 de novembro de 1946 de Correio da Manhã, sob o título *Areia e vento*, em que ele descreve um fenômeno interessante a pessoas artistas que se predispõem ao encantamento da vida, o de uma igreja soterrada por areia. Primeiro, ele é impetuoso, "... assalta-me o desejo de convocar os poetas, os sociólogos, os pintores, os romancistas e os músicos do Brasil e pedir-lhes que vejam, mas vejam longamente, a igreja de Almofala", depois, abre um chamado, "vinde poetas e vinde sábios, vinde celebrar comigo este caso de vento e areia, e o índio disperso e a soterrada igreja".

Partindo de um caso factual, a igreja⁵ de Almofala no Ceará, a autora explora a poética e a política encantadas que possibilitam existências múltiplas e diversas em nossa brasilidade. Interessada nos encantamentos do país, Acioli se preocupa em ficcionalizar a materialidade sociocultural que, de tão complexa e sofisticada, parecem imaginadas. Seu interesse em uma igreja soterrada por 45 anos revela seu empenho em perceber as encruzilhadas que compõem as territorialidades do país.

Negociada entre os indígenas tremembés e os colonizadores portugueses em 1706, dedicada à Nossa Senhora da Assunção,⁶ a igreja sobre com o movimento das dunas no fim do século XIX, fenômeno explicado pela ciência nas dinâmicas de manutenção do ambiente costeiro, tendo as areias como defesa do litoral em períodos de ressaca e de temporais. Apoiada nas pesquisas históricas e geográficas, a autora recuperou em sua ficção a memória dos Tremembés e suas relações com a arbitrariedade colonial dos portugueses para construir uma possibilidade de (re)existência encantada em sua narrativa.

⁵ Para conhecer mais sobre a igreja de Almofala no Ceará que inspirou a autora, acessar: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/igreja-ressurge-das-dunas-apos-ficar-45-anos-soterrada-1.818096> (Acesso em: 17 set. 2024)

⁶ Nossa Senhora da Assunção é considerada a dona do ouro, correspondente ao primeiro contato dos indígenas Tremembés com a imagem dourada, tendo a igreja de Almofala, depois, sido dedicada à Nossa Senhora da Conceição.

Entendemos que sua escolha ficcional e seu percurso narrativos são característicos de uma contemporaneidade literária que procura reconhecer os brasis negligenciados pelo Brasil-nação. As multiplicidades ontológicas compartilhadas e recuperadas por diversos corpos estão presentes no romance *Oração para desaparecer* e nos interessam enquanto objetos produtores de saber e mantenedores de conhecimento para a ciência da religião.

Característicos das obras de Socorro Acioli, a exemplo de seu romance *A cabeça do santo* (2014), os capítulos não recebem títulos aleatórios ou pinçados de seus conteúdos narrativos, são anúncios do porvir e costuram a coesão de suas escolhas literárias. Isso nos permite repensar o cruzamento entre a escritora, suas pessoas leitoras e suas personagens, como se a participação de todos esses sujeitos compusesse o campo de sociabilidade que sua literatura permite.

No romance, os capítulos são apenas enumerados e correspondentes às três partes em que são divididos, *Você trouxe todas as palavras* (parte I), *Os ossos dela não estão lá* (parte II) e *A língua de fogo avisou* (parte III). Para continuarmos nossa análise o romance de Acioli, precisamos antecipar uma análise das escolhas de sujeito que impõem aos títulos dessas partes suas ações, por serem formas de articular os sujeitos das frases em um processo encruzilhado de contato.

Logo no título da primeira parte, entendemos que quem traz é você, no segundo, o que não está lá são os ossos dela e, no terceiro, quem avisa é a língua de fogo. Acioli antecipa os encadeamentos de sua história em uma sequência de ações que nos permite construir uma relação escatológica do corpo que se apresenta, porque a pessoa agente da ação de trazer as palavras logo percebe que a existência de uma outra está atrelada a descoberta de seus ossos, quando avisada por uma língua de fogo, assim, a finitude de um apocalipse escatológico adquire um caráter transgressor. Isso nos é interessante porque sustentamos o quanto a literatura contemporânea é um objeto tanto poético quanto político de manutenção, de provocação e de exemplificação de nosso cotidiano.

No campo da ciência da religião em que a nossa metodologia já se encontra em um lugar multidisciplinar, quando nos aproximamos da literatura, precisamos reconhecê-la não apenas em um lugar alegórico, mas entendendo que a ficção

circunscreve em seu tempo e em seu espaço ontologias diversas e epistemologias múltiplas, porque parte da percepção de determinado sujeito (no caso a autora) para a compreensão de outros (no caso as pessoas leitoras), tendo uma história circunscrita em um tempo e um espaço compartilhados entre eles. A literatura, quando contemporânea à autoria e às pessoas leitoras, permite que a sociedade se repense por meio de si mesma, e é sobre esse aspecto que nos dedicaremos neste texto.

Retomando nosso lugar de uma ciência multidisciplinar, precisamos entender que o nosso objeto de pesquisa, a religião, não é um fenômeno única e exclusivamente passível a decisões da consciência humana, como se existisse um juízo de valor ou uma coisificação do objeto-religião. Quando abraçamos a ciência da religião e a aproximamos de nossas idiosincrasias de sociabilidade, percebemos que esse objeto contribui para a manutenção social produzindo saberes ontológicos, sistematizando epistemologias e compartilhando metodologias para além de nossas decisões arbitrárias e de nossos acordos sociais, para a brasilidade, a religião perpassa um campo de encantamento. Isso porque a religiosidade, nas encruzilhadas plurais do Brasil, não está em disputa entre a secularidade e o sagrado, mas imbricada a nossas multiplicidades e diversidades.

Com exemplos rápidos, essa presença do religioso no livro em questão já está anunciada em seu título. *Oração para desaparecer* pode até parecer uma proposta paradoxal entre o sagrado e o profano, um pouco na direção do que o sociólogo francês Roger Caillois (2015) conceituou como um caráter transgressor, no qual, a partir do ritual (oração), há um rompimento com o cotidiano secular (no caso da personagem, seu desaparecimento intencional). Só que essa leitura, embora possível, pouco compreende as dinâmicas da brasilidade, nas quais o principal interesse está na diversidade e em uma transgressão que não separa o sagrado do profano.

Essa herança da escola francesa de perceber o sagrado como um mistério provisório que se esvai assim que a ciência oferece uma explicação aceitável para o fenômeno é repensada em toda a literatura de Acioli. Ao construir um percurso de territorialidades religiosas e de diferentes cruzamentos de perspectivas rituais que, mesmo quando colonizadas, transgrediram, a autora opta por não se entregar ao sobrenatural como uma alegoria ou metáfora, mas como manutenção do devir.

Com o intuito de instigar a leitura do romance, nossa análise será dedicada a primeira metade do livro, para que as pessoas se encontrem com o encantamento construído e revelado pela autora. Este artigo revela o quanto Socorro Acioli é uma autora sensível ao fenômeno religioso, por isso, sua literatura reflete o quanto o nosso processo de sujeitificação e a nossa alteridade estão incorporados de transgressão e de subversão produzidas nas encruzilhadas da brasilidade.

ESCATOLOGIA COMO TRANSFORMAÇÃO

Na primeira parte do romance, nós somos apresentados a um cotidiano de abandono e de ausência de memórias, para que se construa de forma profícua algo na direção do controle e da escatologia, próprios do domínio de sujeitos em detrimento de assujeitamentos. Em complementaridade a esse lugar esvaziado, está uma narradora também destituída de autonomia e de reconhecimento, porque conforme nos revela “perguntaram meu nome. Não lembrava. Não havia nenhum registro de resposta nos meus pensamentos para a pergunta que coloca uma pessoa na vida da outra” (Acioli, 2023, p. 18).

Para elaboração desta análise, vamos recorrer aos conceitos de corporeidade e de escatologia, ambos presentes nas dimensões da religiosidade no campo social, para percebermos como a sujeitificação e a alteridade são constituídas na poética e na política de um ser humano. Socorro Acioli, em *Oração para desaparecer*, traça um percurso geográfico que constitui o domínio colonial entre Brasil, Portugal e Moçambique, e o faz em um corpo sem memória tentando se reconhecer diante dos outros e do ambiente desconhecido.

A percepção corporal da personagem é a natureza, como se seu corpo fosse a experiência de um processo escatológico, porque Acioli inicia a narrativa com o parágrafo em primeira pessoa descrevendo que “acordei com os olhos grudados de lama, o nariz entupido de terra e a boca cheia de areia estralando nos dentes” (Acioli, 2023, p. 13) para, em seguida, confidenciar “alguém me enterrou” (Acioli, 2023, p. 13). Ainda no primeiro parágrafo é descrito um processo degradante de escatologia religiosa, em que o fim e o início se encontram num sistema de finitude corporal e de exultação espiritual, porque

[...] debaixo do chão era uma agonia gelada, molhada, fedida. Não sentia braços e pernas no breu daquela cova. Perdi a noção do meu corpo, achei que me transformaria em um bicho morto, me desfazendo até virar pó. Ninguém sabe o que fazer na hora da morte. Quando eu já suplicava pelo fim, o buraco me apertou como uma mão gigante de terra, envolveu meu corpo interior e começou a me expulsar. Os olhos lacrados, a hora do parto, a boa hora de Nossa Senhora, as palavras se repetiam no pensamento tomado de desespero (Acioli, 2023, p. 13).

Essa degradação nos é construída por meio de uma comparação a algo animalesco, na elaboração de um corpo-animal, de um bicho. Podemos, com isso, recuperar a afirmação de que escatologia “engloba e entrecruza-se com outras categorias, tais como ‘paraíso’, ‘purgatório’, ‘inferno’ e ‘apocalipse’” (Campos Silva, 2022, p. 297) para entendermos o processo de soterramento da personagem como uma experiência de exílio social ou de mortandade, ambas experiências de finitude que nos permitem as transformações, as transgressões ou as subversões.

Ao construir uma expulsão pela natureza, Acioli coloca sua personagem no conflito entre o pessoal e o social, como um produto do desígnio do outro, um objeto à mercê de um porvir e de um acaso que proporcionem uma mudança no campo pessoal (ético e estético) que reverbera no campo social (político e poético), mesmo que isso seja produzido nesse ensaio escatológico com o intuito de abalar os estágios de descontentamento ou de estagnação.

Enquanto, para a estrutura textual, as transformações e as garantias de multiplicidade são um convite à narrativa e um engajamento à trama, para as experiências de sujeito e construções de alteridade, nesse processo de morte e renascimento, são o limiar do comportamento escatológico, da “destruição do mundo atual com o propósito de dar lugar à instauração de um mudo de origem divina, a ressurreição dos mortos e o seu julgamento ético” (Campos Silva, 2022, p. 299), entendendo que as transgressões não são exclusividade da ordem mística, mas intrínsecas às decisões humanas.

Esse corpo-animal é um sujeito social que incorpora os códigos políticos e poéticos para formular seus códigos éticos e estéticos. Nesse processo de renascimento, a personagem recupera seu corpo, ao nos contar que

comecei a sentir os músculos, ossos, nervos, minha pele toda invadida pelo espírito impetuoso de um parafuso, a forma humana preservada, não virei bicho nem pó. Girava para cima com ritmo e firmeza, sem fazer esforço, na pressão lenta da terra, cada vez mais forte ao redor do meu eixo, apertando dos lados, empurrando no meio das pernas, pelas plantas dos pés. O monstro subterrâneo estava decidido sobre meu destino: queria me expulsar dali (Acioli, 2023, p. 14).

Podemos entender o processo de (re)incorporação da personagem como uma expulsão, porque ela é alçada ao mundo como um parto, parida para uma realidade que ainda precisa ser assimilada por si mesma e para si, num processo dúbio de reconhecimento e de pertencimento, por não haver contato significativo com materialidades ontológicas que possibilitem suas percepções de sujeitificação e de alteridade.

Mesmo com a licença da ficção e com a possibilidade de uma interpretação mística da escatologia, o que Socorro Acioli oferece é uma alegoria poética literária e ao mesmo tempo um manifesto político de multiplicidade dos processos da brasilidade. As transformações de sujeito e as encruzilhadas diaspóricas estão presentes na formação do Brasil-nação, tanto em seu vício de colonialidade quanto na subversão de encantamento do povo.

Essa disputa de poder entre sujeitos plurais e encarceramento colonial perpassa, inclusive, a ordem mística da escatologia, na fantasia de que o corpo pode ter possibilidades emancipatórias quando findo. A autora, em outros momentos de sua narrativa, lança mão de analogias escatológicas para nos aproximar desse corpo-animal que, mesmo desagarrado de seu eixo de sujeitificação e desapropriado de memória, percorre uma jornada de transformação e de transgressão nas (re)elaborações de seu encantamento.

Por exemplo, ao se descrever como um “pacote enrolado [...] em cima do cobertor dobrado, parecia um bebê morto e preparado para o enterro” (Acioli, 2023, p. 20), a narradora nos prepara para o seu processo escatológico de transformação, no qual precisou ser enterrada para se perceber como sujeito e detentora de alteridade. A personagem começa a elaborar sua voz enquanto se encontra em um processo de renascimento, suas perguntas são recursos de estímulo à memória, “como

fui parar naquele lugar, o que aconteceu, se eu estava morta, se ela era a Morte e ele era Deus, ou a Morte e o seu auxiliar” (Acioli, 2023, p. 20).

A escatologia, em *Oração para desaparecer*, é um exercício de reconhecimento experimentado pelo corpo em transformação e pela memória incorporada, mesmo quando a personagem precisa reconhecer seu abandono, ao tomar para si seu próprio pensamento, a única autonomia. Ela nos revela que “parecia lógico e prudente aceitar que algo gravíssimo acontecera. Voltei a achar, dessa vez com calma, que eu estava morta” (Acioli, 2023, p. 17).

Esse processo de assujeitamento e de encarceramento dos corpos é o que mantém o poder colonial e estrutura a arbitrariedade do Brasil-nação. Por isso, sob a perspectiva de desencantamento escatológico, em que a narradora nos confidencia ser “impossível descansar com tanto nojo da minha imundície” (Acioli, 2023, p. 16), o que percebemos é um não-lugar por ela ocupado, uma forma de mantê-la à mercê dos desígnios dos outros enquanto não tolera suas condições de existência.

A ambientação do romance também não escapa às finitudes escatológicas. Socorro Acioli opta por nos apresentar um lugar em que

na parede ao lado da cama havia um batente alto de alvenaria cheio de velas antigas, de cores e de formatos diferentes, ceras derretidas, retorcidas, pavios dormindo. Ela acendeu algumas antes de sair, deixou fogo e luz. Senti cheiro de estrume, passei muito tempo com aquele fedor de enterro por dentro do meu nariz, mesmo dias depois de estar limpa (Acioli, 2023, p. 15).

Seguindo esse exemplo de nos descrever um lugar, quando a narradora opta por, em vez de nos contar o que vê, revelar o que outras pessoas contam, permanecemos com a sensação de finitude e de abandono, em que a mística escatológica continua a ser a única possibilidade de salvação, porque

contava que os idosos foram morrendo e que as famílias nunca voltaram para reclamar as casas, que tudo morria junto com quem partia e talvez fosse culpa das almas do fosso, os mortos da Santa Inquisição. Os enforcamentos aconteciam ali, os corpos eram jogados lá – ele apontava com precisão, colocando seus olhos nas palavras para explicar a geografia do desterro, sem precisar a data, parecia um ato de sempre, enforcar, jogar no buraco da morte” (Acioli, 2023, p. 23 e p. 24).

Socorro Acioli, nas primeiras páginas de seu romance, apresenta uma história em que sujeitos e alteridades estão à mercê de violências coloniais e de disputas sociais em que o corpo e a memória, tanto na presença quanto na ausência, são recursos de transformação e de transgressão.

Ela nos oferece uma literatura em que a brasilidade opera sua multiplicidade, mesmo que subvertendo a lógica encarceradora da escatologia em sua ordem mística. Palavras como “sensação”, “embrulho aterrorizante” e “choque frio”, logo no início do texto, são recursos poéticos de Acioli para nos ambientar nesse lugar de finitude que resvala em um aporte político, porque a exemplo de seu romance anterior, *A cabeça do santo*, a escolha poética da autora não está apartada de sua premissa política, tanto a ética quanto a estética são dimensões estruturantes da autora em sua literatura.

Para nós da ciência da religião, termos a literatura de Socorro Acioli como reflexo de nossa contemporaneidade é mais do que um recurso simbólico ou um exemplo alegórico de nossas discussões acadêmicas, é um objeto complexo e sofisticado das epistemologias (re)elaboradas na brasilidade, em nosso cotidiano entrecruzado por uma multiplicidade religiosa que nos projeta (re)existências transgressoras, nas quais o que se coloca em evidência são as pluralidades do corpo.

ACHAMENTO COMO CATEGORIA DE SUJEITO

Entendendo essa percepção do corpo como um recurso de (re)existência, por ser sistematicamente disputado pelo poder da fé do Brasil-nação, que o encarcera, e pela pluralidade do ritual da brasilidade, que o legitima, nós analisaremos o quanto a categoria de sujeito é aplicada no processo de achamento da personagem em *Oração para desaparecer*.

A retórica violenta do poder hegemônico emprega a sua mística arbitrária e encarcera o corpo, restringindo suas experiências a um comportamento abstinência (Souza, 2022). Esse dispositivo de controle, estruturado na fé do Brasil-nação, aprisiona as possibilidades de existências em segmentos de desencanto e de inanição, transformando sujeitos em sobras de vida.

A transgressão da brasilidade é operada ao conferir sujeitificação e alteridade às múltiplas formas de existência, garantindo a pluralidade e a diversidade em nosso cotidiano. Na narrativa de Socorro Acioli, o contraponto à violência escatológica operada pela fé segregadora é o achamento da personagem como um recurso não simbólico, mas legítimo na sua construção de sujeito.

Em vez de simplesmente ser desenterrada, ela é achada. Essa escolha lexical é fundamental para o caminho literário defendido nesta análise, porque a autora parte do princípio de procura, no emprego simples do verbo achar, como se algo precisasse ser encontrado em meio a um caminho, mas podemos, também, fazer a inferência de um achamento como uma descoberta, novidade e desvio.

Nesse sentido, o ambiente de acaso ou de propósito no surgimento da personagem é construído em um parágrafo narrado com expectativa e, ao mesmo tempo, apreensão, pois

dois pares de braços surgiram cavando, falando, abrindo espaço para a luz. Buscavam por mim. Duas mãos encontraram meu pescoço, seguraram pelos lados e puxaram com força. Outro par de mãos agarrou minha cabeça. Ouvia suas vozes apressadas comentando como era pesada, cuidado para o pescoço não quebrar e matar de uma vez, puxe o braço com jeito para não arrancar o ombro, que pele fria, será que a criatura está viva? e se sair morta, o que faremos? deixa de asneira, eles saem vivos sempre, você sabe que é assim (Acioli, 2023, p. 14).

Embora para a narradora o estranhamento seja resultado dessa novidade de morrer e renascer, nos meandros de uma possível experiência escatológica, as vozes que escuta enquanto é achada parecem estar acostumadas a essa situação e se movimentam de forma metódica às práticas de achamentos de corpos. Nessa analogia alegórica podemos perceber o que Édouard Glissant conceitua como poética da relação ou os ecos-mundos surgidos dos contatos entre diferentes sujeitos. Para ele, os encontros reverberam novidades carregadas de ações da memória, portanto, são esses cruzos os formadores de sujeitificação e de alteridade (Glissant, 2021).

Nós que lemos a narrativa sabemos que as personagens, tanto os achadores quanto a achada, não pertencem a um mesmo mundo cultural, principalmente quando nos é revelado que “eu estava nua, com medo e morrendo de ódio daquela mulher

me chamando de rapariga” (Acioli, 2023, p. 14) ou mais adiante quando ela nos confidencia que “eu não sabia o que era chávana. Quase bebi a sopa direto do prato, de tanta fome” (Acioli, 2023, p. 16). A autora nos coloca em uma situação de contato, na qual um corpo precisa se (re)elaborar na construção de sujeito e na garantia de sua alteridade diante do repertório e dos estímulos de outros, em processos de reconhecimento ou de repulsa, de disputa ou de acordo, como um artifício colonial, uma vez que “ela fala brasileiro” (Acioli, 2023, p. 18) é uma marca não à toa, mas representativa dessa encruzilhada de ode à língua portuguesa.

Essa faísca da colonialidade aparece na relação de fricção entre as personagens, num processo de zelo, mas de segredo, como se aquele corpo alçado da terra fosse detentor de um repertório destruidor e, daí o motivo de ser, em última instância, contido. Essa estranheza de contato, de como os sujeitos assimilam o cuidado, ora como zelo, ora como coerção, nos é apresentada na construção narrativa da personagem, em como percebe os gestos e os comando a ela direcionados.

“Falava o essencial e continuava limpando com cuidado. [...] Suas mãos me devolviam a dignidade, seus olhos não largavam de mim” (Acioli, 2023, p. 14) para depois nos confidenciar os imperativos impostos a ela, como “senta-te aqui, fica parada, não sai por enquanto” (Acioli, 2023, p. 15). Ao mesmo tempo em que a personagem morre para renascer, sua liberdade é encarcerada no paradoxo do afeto, à mercê dos comandos dos outros, “agora podes tomar banho, ela autorizou” (Acioli, 2023, p. 16) ou “demora-te no banho, lava as partes todas, esfrega-te com esta esponja. [...] Limpa os dentes. [...] Descansa, depois do banho tu podes dormir” (Acioli, 2023, p. 16).

A autora dribla a percepção de senso comum sobre o cuidado. Diante da mulher achada, as duas pessoas achadoras nos são apresentadas uma como um doutor e a outra como esposa desse doutor, mas Acioli nos apresenta a ação do médico como resultado de uma bondade - o que, normalmente, seria resultado de seu estudo e de sua ação normativa - e a da esposa como um saber autêntico e certo, em que “eu seguia atenta às temperaturas, à benevolência dos exames do doutor, à certeza dos olhos dela” (Acioli, 2023, p. 15).

Em *Oração para desaparecer*, o que se constrói diante de nossa leitura é complexo para as perspectivas reducionistas e sofisticado para as percepções preocupadas com explicações categóricas. A categoria de sujeito é construída na assimilação de uma corporeidade, porque, nas palavras da narradora, era “estranho que o corpo doesse tanto, nos músculos, na pele, aquela dor de cabeça, sentir fome, sentir frio, ter a carne tão viva ainda. O desligamento das sensações viria aos poucos, devia ser assim” (Acioli, 2023, p. 17), todo seu referencial de pessoa passa a ser construído a partir desse estranhamento em relação ao corpo.

Essa corporeidade que compõe um corpo-substantivo, passível de nomeação, é, inclusive, um impulsionamento de estranheza que permite curiosidade, atração e reconhecimento, pois, segundo as confissões da personagem, “alisei meu corpo [...]. Achei um corte no braço esquerdo. [...] Os cortes maiores não sangravam. [...] Ardia. [...] Apertei minhas coxas” (Acioli, 2023, p. 17), construindo, conosco que a lemos, um processo de autoanálise por meio da materialidade do corpo para, então, nos revelar seu processo de sujeitificação e de alteridade na produção de suas memórias, porque “a última esperança que tinha era o corpo” (Acioli, 2023, p. 17).

Palavras como “marcas”, “silêncio”, “poeira”, “abandono”, “desbotados” e “pouco menos suja” são colocadas em complementaridade com verbos como “imaginei”, “denunciava”, “servia” e “partiram”⁷ para construir um ambiente isolado, em que a ausência domina, até mesmo diante do contraponto. A personagem, ao ser surpreendida com uma flor, uma presença viva, além dela, a achada, e de Fernando e Florice, o homem e a mulher que a acham, ela tenta nos ambientar nesse não-lugar e ao mesmo tempo se reconhecer a partir dessas ausências, na direção os ecos-mundos encruzilhados (Glissant, 2021).

Se “uma garrafa branca com água e uma rosa amarela de Almofala, como eu saberia depois” (Acioli, 2023, p. 19), a levou a começar o processo de sujeitificação por meio das memórias recém percebidas, ela circunscreve na materialidade sua alteridade, por ser mais do que matéria, sendo um recurso de memória, pois “foi quando percebi um colar de búzios [...], e que veio comigo não sei de onde, em

⁷ Essas construções se encontram no primeiro parágrafo do segundo capítulo da Parte I, na página 19. (Acioli, 2023).

testemunho de não sei o quê” (Acioli, 2023, p. 18), que ela retoma um passado mesmo que fragmentado no seu processo de alteridade.

A marca viva, por meio da flor, também ocorre quando a personagem entra em uma igrejinha no alto de uma montanha, ao dar um passeio matinal com Fernando. Em meio a outro ambiente vazio e abandonado, correspondentes a sua autopercepção de sujeito, complementando seus sentimentos e suas percepções, ela encontra uma “rosa vermelha no batente, fresca, recém-colhida. Talvez deixada por alguém que iria levá-la para algum santo e deu com a porta fechada” (Acioli, 2023, p. 23). Esses resquícios de vida que pulsam das flores são alegorias desse assombro escatológico do cotidiano, a violência que se instaura entre os que existem e os que deixam de existir.

Nesse processo de achamento, como um recurso de alusão aos trânsitos da colonialidade e aos acordos cotidianos para construção de memória, a autora constrói uma ressocialização compulsória ao promulgar na fala dos achadores que “vamos te levar para a casa da irmã de Florice, no Norte” (Acioli, 2023, p. 22), para depois apresentarem como opção ambígua de “depois tu decides teu destino, quando lembrar. Alguns voltam para casa, outros ficam, é escolha tua, mas por enquanto é nossa responsabilidade cuidar de ti” (Acioli, 2023, p. 22).

Nessa dualidade entre as personagens, nessa disputa pela ação, a narradora nos apresenta o seu assujeitamento pela falta de memória, ao nos revelar que “então eles cuidaram de mim, mas eu deveria seguir a minha vida em breve. Eu, que não sabia que vida tive, sem pistas daquilo que fui e não sei” (Acioli, 2023, p. 23) e nos confidenciar que “voltei para a casa chorando e amaldiçoando o fosso vazio da minha memória” (Acioli, 2023, p. 24).

Como consequência de sua falta de memória, o que não contribui para seu processo autônomo de sujeitificação e de autêntica alteridade, a personagem descreve seu isolamento e sua desapropriação de recursos pessoais e imagéticos ao revelar os domínios materiais de Florice que “só sabe andar cercada de beleza [...], só anda com as coisinhas dela” (Acioli, 2023, p. 20). Nessa comparação, tendo Florice como referência, ela se sujeitifica como alguém em oposição, entendendo que a sua memória é perspectiva por meio dos objetos do outro.

A categoria de sujeito é conferida pelo outro, mesmo que suas tentativas partam de si mesma. Percorrermos esse percurso junto da personagem achada é uma forma complexa e sofisticada que Socorro Acioli encontrou para nos apresentar esse lugar em trânsito, esse devir cotidianamente praticado pela brasilidade apesar do Brasil-nação.

Na frase “não era só cuidado; havia curiosidade e um pouco de medo, um sentido de alerta” (Acioli, 2023, p. 20), o que percebemos são os jogos simulados e os sujeitos dissimulados que operam a ordem mística, primeiro, de um poder escatológico e, segundo, de um reconhecimento de sujeito. Mesmo sabendo que a relação que se estabelece entre os achadores e a achada não é pessoal, é uma relação entrecruzada por um poder.

Por ser mais um compromisso social de Fernando e Florice e não uma empatia gratuita ou um interesse autêntico à mulher achada, temos como conflito desse romance uma prática simbólica de controle. Quando a narradora pergunta “o que vocês querem comigo?” (Acioli, 2023, p. 22) e tem como resposta um “queremos nada. É uma obrigação a cumprir, só isso. Salvamos a tua vida, a menina deveria agradecer” (Acioli, 2023, p. 22), entendemos que não há voluntariedade pura e simplesmente austera quando o que se está em jogo é um poder e sua transgressão é a memória que, por ora, é ausente.

CORPOREIDADE COMO ALTERIDADE

A corporeidade, em nossa conceituação de corpo macumbeiro oriundo das brasilidades, é um recurso de percepção política de um corpo substantivo, um corpo passível de nomeação e, então, produtor de sujeitificações, porque entendemos que os nomes garantem a identidade política do corpo. Em *Oração para desaparecer*, ao optar por narrar o achamento de uma mulher por meio de sua voz, embora destituída de lembranças, passível de assujeitamentos, é o recurso da memória a fundamental ferramenta para a construção de sujeito e de alteridade, tendo o corpo como um elemento imperativo em meio a essa encruzilhada.

Ao lermos o livro, podemos nos perguntar se essa ideia de corpo, enquanto um recurso de identidade, também pode partir de um lugar. Nas primeiras páginas, entendemos que

mandaram que viéssemos à Almofala, esta aldeia, buscar uma mulher e desligaram o telefone. Nós já sabíamos que iria acontecer um dia conosco, mas demorou muito. Abrimos o mapa de Portugal, eu e Florice, e vimos seis aldeias com o mesmo nome, cada uma menor que a outra, seria um código? Almofala é uma palavra árabe, significa acampamento temporário. Al mohala. Os outros foram deixando muitos pelo caminho. Ficamos sem saber o que fazer, imaginamos mil sentidos, uma senha, um enigma. Estávamos perdidos (Acioli, 2023, p. 21).

Essa encruzilhada entre corpo, identidade e memória, tendo a língua portuguesa como premissa, é um elemento político de criticidade à colonialidade, aos regimentos imperativos de um Brasil-nação, mas é um poético de vislumbamento do esperar por meio das práticas de convivência da brasilidade. Essa sofisticação, Socorro Acioli elabora na estruturação de uma corporeidade que culminará em um elemento de alteridade.

Ao ser perguntada, logo no início, se “lembraste teu nome, uma letra, um som?” (Acioli, 2023, p. 22) e ter como anúncio da voz do homem que a encontra que “você trouxe todas as palavras” (Acioli, 2023, p. 20), a narradora se coloca num lugar ambíguo de seu devir, com as possibilidades do que pode ser e com a ausência do que é, pois, como apresentado logo nos primeiros conflitos entre ela e os achadores, “a chegada confunde as ideias” (Acioli, 2023, p. 18).

Ela sabia que havia chegado, que algo iniciaria. Mesmo dependendo de convívio e de contato com o outro para se tornar sujeito e elaborar sua alteridade, o que ela tem, para produzir sua memória e seu esperar como continuidade de vida, é a crença na sua lembrança e a angústia dessa ausência, porque “e se eu não lembrar? / - Todos lembram” (Acioli, 2023, p. 18). Parece que, às imposições do outro, ela nem mesmo tem o direito ao esquecimento.

Esse corpo restrito de alteridade é uma inferência justificada, primeiro, no fato de a narradora ter para si apenas um nome representativo da sua atual condição, a de ressurecta, “pessoas que iam morrer, mas por um triz escaparam e voltaram à

vida em outro lugar” (Acioli, 2023, p. 21), segundo, a alcunha de “forasteira louca” (Acioli, 2023, p. 24) e, nessa perspectiva, o que mais viria? Esse constrangimento na disputa entre o eu e o outro, nessa ausência de corporeidade e de alteridade, faz com que nós, pessoas leitoras, compartilhemos com a personagem essa aflição de um não-lugar, esse processo de assujeitamento e de amnésia, embora, seja na encruzilhada do contato com o exterior que o corpo nos possibilita elaborar (re)existências.

A ausência do nome da personagem é um exemplo desse recurso narrativo para evidenciar o conflito de não-lugar, mas outro elemento é a possibilidade que a autora encontra ao nos ambientar com o entorno, explorando o exterior ao corpo como uma, também, personagem. Pensemos na descrição da casa em que a narradora se encontra como uma complementaridade à percepção de vazio que tem de si mesma, compondo uma estratégia narrativa para evidenciar sua destituição de sujeito. Ao descrever que “a casa era um depósito dos vestígios de muitas vidas” (Acioli, 2023, p. 19), é estabelecido um pacto entre a voz que narra, a sua compreensão de assujeitamento e o esvaziamento ao redor, corroborando para o entendimento escatológico da finitude.

Percebemos um ambiente tão abandonado quanto ela, em que “a maioria das construções estava abandonada. O som das pedras sob nossos sapatos quebrava o silêncio frio e triste” (Acioli, 2023, p. 23). Se “estávamos no alto de uma montanha, o cume do mundo, o mais perto possível do céu. Dobrando à esquerda da casa vimos uma igrejinha no alto” (Acioli, 2023, p. 23), o que temos é um cenário de referências singulares em que pouco cabe a pluralidade existente em cada alteridade, o que impera é um poder simbólico pincelado de referências compartilhadas entre esses mundos entrecruzados, seja a montanha, o céu ou mesmo a igrejinha.

Nesse vaivém angustiante em que a personagem tenta elaborar para si mesma um eixo existencial ou restituir sua memória, a ausência de explicação, mesmo quando justificada pela licença literária da ficção, para o pacto que estabelecemos com a personagem de verossimilhança, é um exercício contínuo de retomada a uma factualidade vazia, a narradora esvazia seus referenciais de mundo e nós, pessoas leitoras, nos aproximamos dos pactos sociais de encontros de mundo, de colonialidade e de transgressão.

Em determinado momento, logo no início do livro, a narradora nos confidencia que

se fosse uma situação real, com pessoas vivas, não sei o que teria sido de mim, onde eu teria sido largada, chamariam a polícia, pensava todo isso ao mesmo tempo, minha cabeça acelerada. Cheguei a me convencer de que talvez aquilo fosse uma área de transição, um descanso para o que viria depois. Vida e morte são mistérios que ninguém alcança (Acioli, 2023, p. 17).

Como se tudo não se passasse de uma estada em um lugar similar a um purgatório, fazendo jus aos cárceres da mística escatológica e do assujeitamento como retórica de controle, precisamos entender que *Oração para desaparecer* é um livro escrito por uma mulher consciente de suas decisões literárias. Ela nos entrega não uma alegoria, mas um laudo da nossa contemporaneidade, nessa disputa entre a fé do Brasil-nação e os rituais da brasilidade, em que o direito à memória e os processos de sujeitificação estão em nossas decisões cotidianas.

A corporeidade como uma alteridade é um lugar, também, em disputa. Ao aplicarmos esse conceito oriundo de nossas discussões no campo da ciência da religião para uma análise literária, reconhecemos que, para além da ficção de Acioli, o que temos diante da leitura de seu romance é uma proposta de reflexão sobre o Brasil contemporâneo, em que os sujeitos sociais se (re)elaboram por meio de sua sociabilidade, buscando o reconhecimento de suas alteridades e não o encarceramento de seus corpos.

Se a narradora, tentando recuperar sua memória, é confrontada com a constatação de que “a menina ainda não percebeu que quase nada na vida faz sentido?” (Acioli, 2023, p. 21), nós temos nessa literatura a ênfase política e poética de que são os atos e os ímpetos cotidianos que dão sentido aos nossos processos de sujeitificação e de alteridade.

Quando se tem um corpo vivente, mesmo que destituído de lembranças, nele pulsam ímpetos e ações éticas e estéticas que construirão corporeidade nesse lugar de multiplicidade, diversidade e pluralidade tão caro às encruzilhadas da brasilidade.

CONCLUSÃO

Defendemos que a literatura não é meramente um recurso alegórico ou simbólico da sociedade, é um panorama dos questionamentos e das performances políticas e poéticas que compõem o cotidiano de quem escreve, de que lê e de quem permanece ecoando as vozes de sujeitos sociais pertencentes a esses grupos envolvidos com a literatura, tanto os que produzem quanto os que recebem.

Socorro Acioli, como já elaboramos em análises anteriores sobre seu romance *a cabeça do santo*, é uma autora atenta à ética e à estética de seu país e de que como a brasilidade é recebida por perspectivas estrangeiras, tanto que nos oferece em *Oração para desaparecer* uma ode à língua portuguesa, mas uma profunda reflexão sobre os entrelugares produzidos pela colonialidade e os processos de sujeitificação e de assujeitamento em disputa nesses encontros de poder.

Efemeridade e impermanência são recursos poéticos na perspectiva da autora, mas são carregados de política. Manutenção de existência e direito à memória são imperativos em seu romance, tanto para justificar os conflitos da personagem, como um argumento narrativo-ficcional, quanto para evidenciar o seu lugar de autora, como uma mulher atenta à sua contemporaneidade.

Este texto é um convite, inicialmente, à leitura dos livros de Socorro Acioli, tanto que optamos por circunscrever nossa análise a exemplos recuperados da primeira metade do romance, para que as surpresas fiquem resguardadas, mas um convite às reflexões acadêmicas sobre o lugar imprescindível da literatura em nossas ciências. Nosso campo disciplinar tem a religião como objeto principal e partimos de diferentes frentes para demonstrar o quanto a religiosidade não é mera alegoria arbitrária ou simbólica das discussões sociais, mas recurso ontológico de ética e estética e epistemológico de política e poética em nosso cotidiano, portanto, a literatura adentra a mesma vereda paralela nessas reflexões acadêmicas e precisa ser alçada do lugar de objeto para ocupar um lugar de referência.

O que Acioli nos entrega é justamente a disputa entre a fé do Brasil-nação e os rituais da brasilidade. Ela está interessada em um país complexo e sofisticado o bastante para conferir sujeitificação e alteridade a partir de suas multiplicidades,

pluralidades e diversidades. É uma autora atenta ao miúdo, ao mistério e ao esdrúxulo, por justamente serem eles os produtores de nossas (re)existências. Está na fantasia reducionista do Brasil-nação a realidade libertária da brasilidade e Socorro Acioli nos apresenta isso em sua ficção.

A ausência de memória, a presença de um não-lugar e a busca por um nome é a história das encruzilhadas de nosso país. Ecoa de nossas esquinas, seja um cruzo colonial ou de um processo de alteridade, as possibilidades de esperar e as perspectivas de permanência. Ao nos ambientar em um encarceramento escatológico e, depois, nos o processo de sujeitificação por meio de um achamento, de um desenterro, a autora evidencia os quereres e as insistências de nossa sagacidade enquanto povo.

Na caneta de Acioli, a religião não é uma mística de controle arbitrário, é elemento do cotidiano, é argumento de vida, é justificativa de continuidade, é crença e descrença, é mérito e infâmia, por isso, convidamos as pessoas leitoras deste artigo a perceberem o Brasil que se apresenta em *Oração para desaparecer*, o que se constitui em um devir muito próprio, no qual o instante é a única regra para a continuidade.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Socorro. **Oração para desaparecer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

BONINE, Eduardo. **A cabeça do santo**. Uma proposta de compreensão sensível ao conceito religioso na sociedade brasileira. Revista Último Andar, v. 24, p. 185-195, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/53648/pdf>. Acesso em: 23 nov. 2023.

BONINE, Eduardo. **Devir macumbeiro**. A epistemologia de terreiro como produtora de conhecimento, de existência e de alteridade no Brasil. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

BONINE, Eduardo; BRITO, Ênio J. da C. O rito da brasilidade e a fé do Brasil-nação: disputas de sujeitos sociais em A cabeça do santo. **Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, Brasil, v. 22, n. 1, p. 239–254, 2024. Disponível em:

<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/13886>. Acesso em: 17 set. 2024.

CAILLOIS, Roger. O sagrado de transgressão: teoria da festa. Tradução de Carlos Eduardo Schmidt Capela. **Outra travessia**. n. 19, p. 15-55, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2015n19p15/30942>. Acesso em: 23 nov. 2023.

CAMPOS SILVA, André de. Escatologia (verbetes). In: In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (Orgs.). **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2022.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Orfe(x)u e Exunouveau**: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira. São Paulo: Fósforo, 2022.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Religião e identidade cultural negra: afro-brasileiros, católicos e evangélicos. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 56, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/22524>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SOUZA, Patrícia Rodrigues de. Abstinência (verbetes). In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (Orgs.). **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2022.